



## PESQUISA-AÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS EM UM MESTRADO PROFISSIONAL

## ACTION-RESEARCH IN TIMES OF PANDEMIC: EXPERIENCES IN A PROFESSIONAL MASTER'S PROGRAM

1

## INVESTIGACIÓN-ACCIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIENCIAS EN UN MÁSTER PROFESIONAL

Valdo Sousa da Silva<sup>1</sup>  
Francisco das Chagas Silva Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresenta-se o percurso metodológico realizado em uma pesquisa de mestrado profissional desenvolvida na pandemia da covid-19. Foram realizadas entrevistas com pescadores artesanais, rodas de conversas com docentes do curso de Pesca do IFCE e a produção de um documentário. A pesquisa de campo foi interrompida devido a pandemia, sendo retomada após revisões na metodologia, sem alterações nos objetivos. As imagens do documentário foram produzidas pelos pescadores com seus aparelhos celulares e o debate com os docentes ocorreu no formato remoto. Conclui-se que toda investigação está sujeita às incertezas e que o pesquisador deve ter criatividade para superar os obstáculos.

**Palavras-chave:** Mestrado Profissional. Produto educacional. Pesquisa-ação. Pandemia. Pesca artesanal.

**Abstract:** The methodological path carried out in a professional master's research developed in the covid-19 pandemic is presented. Interviews were carried out with artisanal fishermen, conversation circles with teachers of the Fishing course at IFCE and the production of a documentary. The field research was interrupted due to the pandemic, being resumed after revisions in the methodology, without changes in the objectives. The documentary images were produced by the fishermen with their cell phones and the debate with the teachers took place in a remote format. It is concluded that every investigation is subject to uncertainties and that the researcher must be creative to overcome obstacles.

**Keywords:** Professional Master. Educational product. Action-research. Pandemic. Artisanal fishing.

<sup>1</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFRN). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *Campus* Acaraú. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6755-3414>. E-mail: [silva.sousa@ifce.edu.br](mailto:silva.sousa@ifce.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *Campus* Mossoró. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9721-9812>. E-mail: [chagas.souza@ifrn.edu.br](mailto:chagas.souza@ifrn.edu.br).



**Resumen:** Se presenta el recorrido metodológico realizado en una investigación de maestría profesional desarrollada en la pandemia del covid-19. Se realizaron entrevistas a pescadores artesanales, ruedas de conversación con docentes del curso de Pesca del IFCE y la producción de un documental. La investigación de campo fue interrumpida por la pandemia, siendo retomada luego de revisiones en la metodología, sin cambios en los objetivos. Las imágenes documentales fueron producidas por los pescadores con sus celulares y el debate con los docentes se realizó en formato remoto. Se concluye que toda investigación está sujeta a incertidumbres y que el investigador debe ser creativo para superar los obstáculos.

**Palabras-clave:** Maestro Profesional. Producto educativo. Investigación-acción. Pandemia. Pesca artesanal.

Submetido 03/02/2023

Aceito 20/06/2023

Publicado 29/06/2023

## Introdução

Em fins de 2019, uma nova doença respiratória decorrente do vírus SARS-CoV-2, o covid-19, ganhou as manchetes dos principais jornais do mundo. A Organização Mundial de Saúde, em 11 de março de 2020, classificou a doença como uma pandemia. Visando evitar sua disseminação e o descontrole do processo infeccioso e, conseqüentemente, um colapso dos serviços de saúde, tornou-se necessária a adoção de medidas rígidas de distanciamento social.

Como já era previsível, esse distanciamento social, apesar da sua importância e urgência, trouxe graves conseqüências socioeconômicas, culturais e educacionais. Com relação a estas últimas, destacamos o fechamento das instituições de ensino por tempo indeterminado, levando estudantes e professores a ter que se adaptar a um novo modelo de ensino, o ensino remoto emergencial. Na pós-graduação *stricto sensu*, além desse novo tipo de ensino, os problemas atingiram as pesquisas que estavam em andamento ou para serem iniciadas, sendo suspensas por tempo indefinido.

O primeiro e o segundo autores deste artigo eram, à época, respectivamente, aluno (orientado) e professor (orientador) do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Mossoró, onde as aulas foram suspensas em 17 de março de 2020.

O ProfEPT é um mestrado em rede nacional. Possui 40 instituições associadas e está presente em todos os estados brasileiros. Por ser um programa de pós-graduação profissional, há a exigência que seja realizada uma pesquisa aplicada que gere um produto educacional, o qual pode ser de variados tipos: sequência didática, *e-book*, jogos, vídeos, exposições etc.

Como afirma Verselli (2018), na pesquisa aplicada, o processo reflexivo não se limita ao pesquisador, mas a todos os envolvidos no decorrer desta. Para ela, esse tipo de pesquisa “pode ou não ter um caráter interventivo, porém na pesquisa aplicada com intervenção o/a pesquisador/a a utiliza com o intuito de aumentar o conhecimento que possui sobre um determinado objeto intervindo na realidade com o objetivo de transformação da prática” (VERSELLI, 2008, p. 235).

Ao ingressar no ProfEPT, em 2018, o mestrando tinha como objetivo desenvolver um estudo que permitisse religar os saberes e as práticas tradicionais dos pescadores artesanais do distrito de Guriú, no município de Camocim-CE, aos conhecimentos técnico-científicos

estudados e praticados no Curso Técnico Subsequente em Pesca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *Campus Acaraú*.

A proposta foi aceita pelo orientador haja vista a contribuição que a pesquisa daria para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ao possibilitar uma integração entre saberes que são vistos separados e, até mesmo, oponentes. Outrossim, seria uma oportunidade de se problematizar um modelo de formação profissional que considera o trabalho como princípio educativo, ou seja, “compreender a importância fundamental do trabalho como princípio fundante na constituição do gênero humano” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 751).

A pesquisa de campo não apresentaria maiores dificuldades para ser desenvolvida por parte do mestrando haja vista os contatos de amizade que este tinha com os pescadores artesanais do Guriú. Logo, isso possibilitaria a extração de dados e informações da realidade objeto de estudo, ajudaria na definição ou redefinição dos objetivos e das hipóteses.

Assim, a investigação partiu do questionamento: como estabelecer uma ligação entre os saberes tradicionais dos pescadores do Guriú com os saberes científicos, produzidos e transmitidos nos espaços acadêmicos, a exemplo do Curso Técnico Subsequente em Pesca no IFCE, no *Campus Acaraú*? Logo, a pesquisa não se pautaria apenas nas leituras teóricas, mas também em ações. Dessa forma, pesquisa e ação se tornaram uma meta neste projeto, pois, como explica Dionne (2007, p. 23): “[...] o objetivo primeiro da pesquisa-ação é mudar uma dada situação particular levando em consideração a totalidade concreta tal como é vivida. Se não fosse assim, por que se falar em pesquisa-ação? Bastaria a pesquisa aplicada clássica”.

Baseados nesses pressupostos, foram planejadas estratégias que possibilitassem esse diálogo entre saberes, como têm ocorrido em algumas instituições de ensino superior (SOUZA; SILVA, 2021). No entanto, o avanço da covid-19 e o surgimento de novas variantes desse vírus exigiam a ampliação das normas de distanciamento, impedindo-nos de seguir com o projeto. Diante disso, a pergunta que se impunha naquele momento era: como adaptar a investigação a esse novo cenário? Como fazer a pesquisa de campo com observações, entrevistas, filmagens em um contexto de afastamento social?

A investigação precisou passar por readaptações que discutiremos adiante na terceira seção deste artigo. Pela importância da experiência adquirida com o enfrentamento de uma situação inesperada, será nessa seção que daremos mais atenção nesse trabalho.

## Religar saberes, democratizar a escola

A exclusão de comunidades tradicionais das políticas públicas voltadas para a educação ainda é uma realidade presente em muitas localidades do Brasil. O estudo que dá origem a esse artigo buscou demonstrar que os saberes e práticas desenvolvidos por intermédio dos conhecimentos tradicionais dos pescadores artesanais do distrito de Guriú (Camocim/CE) são conhecimentos válidos para pensarmos o trabalho como princípio educativo, um elemento central na formação para o mundo do trabalho, conforme pensam os educadores que estudam a relação trabalho e educação.

As reflexões acerca do trabalho dos pescadores artesanais do distrito de Guriú, mas também de outras regiões, possibilitam, na EPT, a abertura a outros conhecimentos para além das disciplinas técnicas, ou seja, fomenta a interdisciplinaridade e impede a formação de trabalhadores limitados ao uso de tecnologias, apesar da importância desse conhecimento. É relevante, por exemplo, conhecer as sociabilidades que existem nas comunidades tradicionais, as dificuldades para sobreviver da sua produção frente a concorrência do grande mercado, a entrada dos “atravessadores” no processo de venda e a carência de políticas públicas, sobretudo as educacionais, para as comunidades distantes de centros urbanos.

Baseados em Morin (2000), acreditamos que, em tempos de grandes revoluções tecnológicas, é necessário conhecer e preservar os diversos saberes, a exemplo dos conhecimentos procedentes dos povos tradicionais. Para ele, apesar dos enormes avanços em todas as áreas do conhecimento científico e nas técnicas, o século XX, “Ao mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, e esta cegueira gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas” (MORIN, 2000, p. 45).

Desta forma, é premente que valorizemos a diversidade para a construção de uma ciência com consciência (MORIN, 2005). Ao refletir sobre a responsabilidade do pesquisador perante a sociedade, Morin (2005, p. 120) questiona: “como conceber a responsabilidade do homem em relação à sociedade e da sociedade em relação ao homem quando já não há homem nem sociedade?”. A seguir, observa que, no atual cenário, “[...] o saber já não é para ser pensado, refletido, meditado, discutido por seres humanos para esclarecer sua visão de mundo

e sua ação no mundo, mas é produzido para ser armazenado em bancos de dados e manipulado por poderes anônimos”.

Assim, a inclusão dos saberes dos pescadores artesanais nos currículos de cursos técnicos voltados para a pesca representa mostrar a esses grupos que eles são bem-vindos e necessários para a construção dos saberes científicos, principalmente porque são essas pessoas que estão mais próximas da natureza e podem colaborar enormemente para a preservação dos ecossistemas.

Almeida (2010) ressalta o saber produzido por comunidades tradicionais. Para ela, conhecimentos fundamentados em uma espécie de processo empírico da percepção da realidade a partir do contato com o mundo natural, mesmo que seja visto como senso comum, não deixam de ter uma lógica sequencial e/ou funcional válida para qualquer conhecimento científico.

Praticar uma educação inclusiva, que democratiza e respeita as formas como as culturas tradicionais, pela experiência, apropriam-se da natureza significa quebrar paradigmas que excluíram aqueles que não detêm saberes gerados a partir do método científico. Nesse sentido, é válido lembrar o princípio do conhecimento pertinente, que, para Morin (2000, 2005, 2008), permite uma educação capaz de contextualizar, de ver o local como parte do global. Desse modo,

Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento. A esse problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários (MORIN, 2000, p. 35-36).

Nesse sentido, Morin (2008), com base em Montaigne, destaca que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”. Uma cabeça bem cheia “é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido”; por outro lado, uma cabeça bem-feita “significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido” (MORIN, 2008, p. 21).

É importante frisar que proporcionar uma relação dialógica e reflexiva entre os saberes não implica em ser invasivo; pelo contrário, significa, como afirma Freire (1998, p. 43),

Construir conhecimento reflexivo por meio de interação coletiva não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em seres para outro por homens que são falsos seres para si.

7

Enfim, almejar pontos de convergências e divergências entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos significa dar visibilidade a saberes esquecidos ou vistos como menores, apesar de importantes e que podem fazer parte da construção da estrutura curricular da educação formal, principalmente aquele voltado a formação para o mundo do trabalho, visto aqui em uma perspectiva mais ampla que o mercado de trabalho, cujos fins são atender às demandas do capital.

### **Sobreviver ao inesperado: o que a pandemia nos ensinou**

Conforme já explicitamos, neste artigo, temos a finalidade de apresentar como, diante do cenário pandêmico e dos seus efeitos adversos para a pesquisa e elaboração de um produto educacional, mestrando e orientador encontraram as “soluções” metodológicas mais viáveis para o desenvolvimento da investigação, sem perder o rigor que toda pesquisa tem de possuir. Para melhor detalhamento, apresentamos inicialmente o espaço em que se deu o estudo.

O distrito de Guriú foi criado por ato administrativo em 11 de fevereiro de 1890, sendo, o mais antigo do município de Camocim, no Ceará. A ocupação desse território data de 1792, a princípio com o aldeamento pelos índios tremembé e, posteriormente, no século XIX, por famílias vindas principalmente do interior (IBGE, 2019).

O Guriú é uma pequena comunidade cercada por praias e manguezais, tendo sua economia basicamente voltada à atividade pesqueira. A população economicamente ativa vive da pesca artesanal da lagosta, camarão, sururu, siri, caranguejo, peixe, dentre outros pescados de alto valor comercial, e, de forma complementar, pratica a agricultura de subsistência com o plantio de feijão, milho, mandioca etc.

As atividades relacionadas ao trabalho na pesca que se desenvolvem no Guriú fazem deste um campo rico de estudos para os pesquisadores que desejam conhecer uma atividade econômica com poucas ou quase nenhuma influência de políticas públicas voltadas à formação técnico-profissional dessa população, haja vista que os aprendizados são passados entre as gerações, mesmo que nos últimos anos esses pescadores tenham recebido orientações da Capitania dos Portos.

Para o alcance dos objetivos do estudo – o diálogo entre os saberes tradicionais e os científicos –, foi planejada a realização de entrevistas semidirigidas com os pescadores artesanais, etapa que seria acompanhada de filmagem para a produção de um documentário com os relatos de vida dos pescadores. Esse vídeo seria assistido não apenas pelos professores e estudantes do Curso Técnico Subsequente em Pesca do IFCE/Acaraú, mas também ficaria disponível para o público em geral nas plataformas do IFCE, do IFRN, e da Capes (EduCapes).

Vale salientar que as entrevistas semidirigidas poderiam ocorrer em mais de um encontro. Nesse tipo de entrevista, “Não há um roteiro fechado [...] mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-la melhor” (SZIMANSKI, 2004, p. 19).

Também estava planejada uma visita dos pescadores do Guriú ao *campus* do IFCE, em Acaraú, com o objetivo de proporcionar diálogos entre estes pescadores e os professores e discentes do Curso Técnico Subsequente em Pesca, oportunizando integração e trocas de experiências entre esse público. Na oportunidade, os pescadores também conheceriam as tecnologias utilizadas para a pesca, disponíveis no laboratório do curso, momento em que também poderia haver aprendizagens de ambas as partes.

Com um projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – parecer 3.838.846 de 14/02/2020) e na qualificação, partimos para os direcionamentos práticos do campo de estudo com a aplicação de um questionário semiestruturado, pois “O conhecimento prévio do meio é necessário antes de iniciar a formulação de um roteiro de perguntas de pesquisas” (DIONNE, 2007, p. 58). Felizmente, o questionário foi aplicado um mês antes da interrupção do projeto pela pandemia. Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário deram subsídios para a identificação das situações iniciais e possibilitaram projetar a pesquisa e a ação que seria desenvolvida.



Dos 120 pescadores profissionais na região, cadastrados na associação de pescadores local, 30 se voluntariaram a responder ao questionário com 11 perguntas. Suas idades variaram entre 19 e 54 anos. Com relação ao perfil dos entrevistados, todos são do sexo masculino, o que leva a compreender que no Guriú as mulheres não participam de forma direta do trabalho na pesca artesanal com embarcação, embora tenham participação em outras atividades, como a confecção de redes de pesca.

Na realidade, a falta de visibilidade do trabalho feminino também é comum nessas comunidades. Almeida e Pereira (2006, p. 86), ao pesquisarem na Lagoa do Piató, no interior do Rio Grande do Norte, constatavam que, quando explicitada por que a mulher não pode estar totalmente na pescaria, além de assinalar as outras tarefas que ela precisa cumprir, os pescadores diziam que “não dá misturar, que tem bebedeira, conversas desrespeitosas”.

Cunha (2011, p. 24) comenta essa ausência de visibilidade no papel das mulheres nas análises econômicas:

[...] a própria economia, constituída como campo de saber, ao optar por uma avaliação estritamente mercantil da riqueza e ao se recusar a se imiscuir nas relações familiares, sob o pretexto de respeitar a vida privada, contribui para aprofundar as desigualdades de gênero, não apenas negando a colaboração das mulheres para o bem-estar coletivo, mas, também sacrificando sua liberdade individual em nome de argumentos supostamente científicos e de um objetivo de eficácia coletiva.

Posteriormente à etapa de sondagem, seriam realizadas entrevistas semidirigidas com um grupo de 9 pescadores artesanais que atenderam ao perfil da pesquisa (os que trabalham em pequenas embarcações) e aceitaram, com o uso de imagem e de gravação de voz, expor seus afazeres e tecer considerações sobre aquilo que produzem enquanto profissionais da pesca. Para isso, baseamo-nos nas orientações de Szymanski (2011, p. 20) quanto às entrevistas semidirigidas:

Nesse primeiro momento, o entrevistador se apresenta ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito não só ao anonimato, acesso as gravações e análises, como ainda ser aberta a possibilidade de ele também fazer as perguntas que desejar.

Contudo, o início dessa fase da pesquisa foi suspenso em função da pandemia da covid-19, ficando a pesquisa interrompida durante alguns meses, até que, diante da imprevisibilidade de retorno à normalidade e da necessidade de concluir o curso de mestrado, foram revistas as estratégias, de modo que possibilitassem o estudo. Procedemos uma reformulação dos métodos de pesquisa e das técnicas de abordagem no sentido de atender aos objetivos iniciais do projeto sem descaracterizá-los nem pôr em risco a segurança do mestrando e do público pesquisado.

Os procedimentos operacionais para o desenvolvimento das etapas de pesquisa que envolviam entrevistas, filmagem e encontros presenciais precisaram ser readaptados para o formato remoto. Pela proposta do estudo, era necessário entrevistar e filmar os pescadores em situações cotidianas e no seu trabalho. Entretanto, dado o novo cenário, o mestrando e o profissional responsável pela filmagem não poderiam estar presentes no Guriú em função do distanciamento social.

O desafio posto nos mostrou que o método não deve ser visto como “[...] um conjunto de regras certas e permanentes, passíveis de serem seguidas mecanicamente” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2007, p. 17). Também Moraes e Valente (2008, p. 56) comentam: “Se a realidade é imprevisível e incerta, precisamos de um observador pensante, reflexivo e criativo, um sujeito estrategista, capaz de criar procedimentos adaptáveis e ajustados à realidade, com possibilidades de enfrentar o novo e o imprevisto que acontecem durante a pesquisa”.

A “solução” que nos pareceu mais apropriada foi aproveitar a tecnologia dos *smartphones* e substituir a filmagem profissional por registros amadores, feitos com os aparelhos dos próprios pescadores. Mesmo sob o risco de perda da qualidade da filmagem e temendo a baixa adesão destes, solicitamos aos pescadores anteriormente selecionados que enviassem vídeos por celulares, respondendo algumas perguntas abertas e reflexivas que formulamos. Como também, pedimos que registrassem, em vídeos, as suas atividades na pesca. Aqueles que não sabiam manusear os aparelhos, poderiam pedir a um companheiro ou a alguém da família que o fizesse.

Felizmente, todos os pescadores convidados aceitaram fazer os vídeos e nos enviaram alguns dias depois. Aliás, importa destacar que a receptividade foi tão positiva que um dos pescadores passou a produzir imagens de suas pescarias e realiza passeios turísticos de pesca.

As fotografias e vídeos de suas pescarias, estas disponibilizadas nas redes sociais como *Instagram, Face book e YouTube*<sup>3</sup>.

De posse desses vídeos amadores, contratamos um profissional que pudesse dar mais qualidade a estes e, a partir da nossa orientação, organizar os dados recolhidos, de modo a construir um documentário que passou a ser do tipo observativo. Segundo Nichols (2005), nesse tipo de documentário, os atores sociais apresentarem-se em seus cotidianos sem a preocupação com o juízo que, porventura, possa vir fazer parte desse processo expositivo. Portanto, vivem-se as situações diárias e exposição de conflitos sem encenações ou roteiros prévios. Os participantes ficam à mercê dos espectadores e devem viver naturalmente o seu cotidiano.

Seguindo orientações para produção de um documentário, assistimos algumas vezes as imagens enviadas pelos pescadores, com intuito de registrar intercorrências, reações e percepções necessárias a construção do produto final. A orientação para essa etapa é ficar atento a cada detalhe da realidade capturada pelas imagens, apesar de termos consciência que estas não dão conta das múltiplas relações que lhes são intrínsecas, pois estamos sempre sob o risco da ilusão e do erro, como afirma Morin (2000).

Importa destacar que, em um vídeo editado, não é possível registrar e demonstrar toda a riqueza do universo filmado. Do mesmo modo que uma pesquisa não pode ultrapassar os limites de um foco, o produto resultante desta, o documentário, também precisaria delimitar o tempo e o espaço necessário para a proposta pedagógica que desejávamos utilizar. Depois de algumas inserções de imagens fotográficas e de cortes em alguns trechos dos vídeos por estarem de baixa qualidade ou inaudíveis, finalizamos um documentário com 36 minutos e estruturado em quatro momentos: a apresentação, o cenário do Guriú, o trabalho na pesca e as entrevistas com os pescadores<sup>4</sup>.

A apresentação foi realizada pelo mestrando, que fez uma breve exposição sobre o documentário, o objetivo deste e a sua elaboração. Em seguida, são exibidas imagens do Guriú com o intuito de fornecer aos espectadores uma visão panorâmica do espaço onde ocorreu a pesquisa. Essa exposição é feita por um pescador mais jovem que fala sobre o cenário do Guriú,

<sup>3</sup> Sugerimos uma visita ao canal do *YouTube* “Pesca entre amigo Guriú” (sic). Disponível em: [https://youtube.com/channel/UCs\\_mOCRN11GQul0J8jQ6lfg](https://youtube.com/channel/UCs_mOCRN11GQul0J8jQ6lfg). Acesso em: 2 jun. 2022.

<sup>4</sup> Quanto aos aspectos técnicos da produção, foi utilizado o programa de edição de vídeo Adobe Premiere CC, a partir dos *plug-ins* como Vídeo Limiter, RGB Curves e o FilmConverter, para tratar a coloração das imagens. Após a finalização, foi feito o processo de autorização do DVD.

apresentando os espaços comuns desse distrito como a escola, a associação de pescadores, a praça, a área de lazer etc.

A mostra do trabalho na pesca foi perpetrada com o propósito de registrar como ocorre a pesca tradicional e quais as técnicas utilizadas na captura dos peixes. As imagens mostram um grupo de três pescadores que desenvolvem uma pescaria com linha. Fazem parte dessa cena a trajetória e os preparativos para um trabalho em alto mar, a mostra das características das embarcações e dos objetos utilizados na pescaria.

Quanto às entrevistas, estas se encontram no final do documentário e têm o objetivo de dar voz aos pescadores quanto ao que produzem e o seu trajeto de vida. Nessas cenas, devido à necessidade de compactar a produção final a um tempo total limite, foram selecionadas, dos depoimentos, as partes mais voltadas para as histórias de vida dos pescadores, seus medos, desafios, valores da profissão e posicionamentos quanto à necessidade de qualificação para o trabalho.

Com esse documentário, pretendíamos romper a distância física que separava os pescadores artesanais do Guriú do espaço de formação técnica em pesca do IFCE, *campus* Acaraú. Considerando que não era mais possível levá-los ao *Campus*, em face da pandemia, a alternativa foi a apresentação remota do documentário para os professores e técnicos do Curso Técnico Subsequente em Pesca do IFCE/Acaraú e a audição das suas apreciações acerca daquele material.

O convite aos professores e aos técnicos ocorreu em reunião virtual do colegiado do Curso Técnico Subsequente em Pesca. Na oportunidade, realizamos uma breve exposição a respeito da pesquisa de campo no Guriú, mencionamos a elaboração do documentário e a necessidade de fazermos rodas de conversa para debater sobre o tema. Foram realizados dois encontros remotos (rodas de conversa) com professores e técnicos que desenvolvem atividades de ensino no referido curso.

Afonso e Abade (2008) compreendem as rodas de conversa como ferramentas de discussões reflexivas, constituídas por pessoas que interagem entre si acerca de uma determinada realidade social. Essa técnica se distingue por características próprias, principalmente por se aproximar de um processo de abordagem reflexiva por interação grupal. Dessa forma, haveria também uma formação continuada daqueles professores, mesmo que isso não tivesse sido lhes dito diretamente, pois o vídeo mostrou uma situação concreta que faz parte

da realidade local, mas em uma comunidade não conhecida por alguns docentes ali presentes.

O comentário de Gatti (2022, p. 5) ajuda-nos a explicar:

Diante das pesquisas relativas às dinâmicas formativas para o exercício da docência cabe a proposta de pensar em outra perspectiva: partirda realidade concreta (observar, consultar, escutar professores, gestores, estudantes, e outros interlocutores), sondar cenários vigentes e para futuro próximo, elaborar reflexões (abstrair/teorizar), então, reconstruir propostas formativas mais adequadas a novos contextos e ao preparo para o futuro das novas gerações. Então, buscar referendar, por pesquisas, a proposta, implementando-a, se necessário, reelaborar a proposta. Ou seja, partir do trabalho concreto para delinear formações na ponderação de delineamento de cenários mais amplos, contextos, dinâmicas socioculturais, atores, perspectivas educacionais e função social da escola – campo de inserção dos docentes. Tendo em vista o formar para quê, para onde, para quem, porquê (sic), como, com embasamento em uma filosofia educacional e uma praxiologia. Um percurso que se construiria dialogicamente com os participantes envolvidos.

A partir do aceite formal dos docentes e técnicos mediante as assinaturas de autorizações do uso de imagem e gravação de voz, foram agendadas as rodas de conversas e elaboradas perguntas desencadeadoras do debate e de contribuições que se pretendia extrair com a exibição do documentário. Para isso, tomamos novamente como orientação, as observações feitas por Szymanski (2011, p. 31):

Em se tratando da utilização de perguntas desencadeadoras para o debate de um assunto, há vários critérios a serem considerados, tais como: a consideração dos objetivos da pesquisa; a amplitude da questão, de forma a permitir o desvelamento de informações pertinentes ao tema que se estuda; o cuidado de evitar a indução de resposta; a escolha dos termos da pergunta, que deverão fazer parte do universo linguístico do participante; a escolha do termo interrogativo [...].

O primeiro encontro ocorreu com a presença de 6 profissionais efetivos do *Campus* Acaraú, sendo estes 4 do quadro docente e 2 técnicos que também atuam no apoio em sala de aula. O segundo encontro ocorreu com a presença de mais 2 professores que não estavam presentes no primeiro dia de debate, contudo, um professor que participou do primeiro encontro não conseguiu comparecer ao segundo, o que representa 7 participações no segundo encontro com 8 participantes no geral.

As rodas de conversas tiveram a duração média de 2 horas. Com o intuito de tornar o primeiro encontro mais objetivo e acessível a todos os presentes, foi disponibilizado, antes dos encontros, o *link* do arquivo contendo o documentário. Com isso, todos tiveram a oportunidade de assistir ao vídeo, fazer registros, tecer considerações anteriormente às rodas de conversas.

Nesse sentido, o primeiro encontro iniciou-se com o grupo de professores que responderam às perguntas desencadeadoras, estas de natureza reflexivas que, atreladas ao objetivo da pesquisa, endossaram o que segundo Szymanski (2011, p. 29), “[...] deve ser o ponto de partida para o início da fala dos participantes, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, ampliando o suficiente para que ele escolha por onde quer começar [...]”.

Seguindo e proposição de um encontro descontraído, as primeiras perguntas do processo de debate foram referentes à formação individual de cada professor, perfil dos seus alunos e principais dificuldades destes em relação ao ensino aprendizagem. Quanto à segunda pergunta, direcionada ao documentário, esta objetivou inserir os professores na discussão temática do estudo, relacionando possíveis características entre o público de alunos do IFCE e os pescadores do vídeo. Para tanto, indagamos aos professores e aos técnicos que lhes dão suporte nas aulas se era possível identificar características dos pescadores do distrito de Guriú entre aqueles que compõem o público de alunos nas turmas do Curso Técnico Subsequente em Pesca do presente campus.

Objetivando promover reflexões entre o grupo de professores e, ao mesmo tempo, compreender a importância (ou não) que cada um atribuía aos conhecimentos tradicionais da pesca artesanal, e como esses saberes eram considerados dentro do processo de formação técnica em pesca, nosso último questionamento levou os professores a falarem sobre a pesca de subsistência e se esse tema é abordado no processo no curso.

Concluídas as rodadas de perguntas planejadas para o primeiro dia de encontro, é possível inferir, com as respostas obtidas, que grande parte dos professores participantes possuem uma elevada formação acadêmica (apenas 1 possui especialização como maior titulação) e ministram disciplinas relacionadas à proposta curricular para formação do Curso Técnico em Pesca.

Apesar de o nível de qualificação dos docentes ser alto em termos de titulação, um elemento que necessita de um aprofundamento, talvez em pesquisas posteriores, é saber se esses professores possuem uma formação para exercer a docência na EPT, visto que um número

elevado de pesquisas mostra que, nesta modalidade de ensino, os professores bacharéis aprendem na prática, com os erros e acertos, e, mesmo os licenciados, não tiveram uma formação que lhes dessem suporte para trabalhar na EPT, desconsiderando as especificidades do campo trabalho e educação (MARTINS *et al*, 2017; MALDANER, 2017; SILVEIRA; SANTIAGO; RODRIGUES, 2020).

No que diz respeito ao perfil dos alunos e à dificuldade destes com o processo de ensino-aprendizagem, todos os professores demonstraram estar atentos às características dos seus discentes, aos principais entraves no processo de aprendizagem que é o déficit na formação propedêutica, considerando que a modalidade subsequente apresenta problemas sérios com a formação do ensino médio trazidos pelos alunos.

Conforme os relatos dos professores, há um perfil variado de alunos que integram o Curso Técnico em Pesca no Campus Acaraú, em alguns casos, filhos de pescadores, ou quando não, de pessoas simples de comunidades próximas ao IFCE. As dificuldades das turmas, de modo geral, estariam na falta de domínio de conhecimentos prévios, principalmente quanto às Ciências Exatas e à Língua Portuguesa, saberes que, comentaram os professores, seus alunos já deveriam ter domínio para a continuidade da educação técnica.

De acordo com as respostas referentes à segunda indagação, todos os professores reconhecem semelhanças de ordem cultural entre os pescadores do documentário e os alunos do curso técnico, porém ressaltam as diferenças quanto à faixa etária do público comparado.

Quanto ao último questionamento, todos os professores admitiram serem importantes os conhecimentos trazidos pelos alunos egressos do trabalho na pesca artesanal, principalmente para o início dos estudos das disciplinas práticas de pesca. Todavia, não foi citado nenhum tipo de metodologia específica de ensino para o aluno pescador, muito menos formas de avaliação e aproveitamento dos conhecimentos trazidos das experiências no trabalho da pesca artesanal.

Para o segundo encontro, como resultado de um processo de pesquisa-ação que visa gerar ações positivas e transformadoras, solicitamos aos participantes da roda de conversa que, refletindo sobre o que foi visualizado no documentário, trouxessem apontamentos de suas áreas de atuação como contribuições para a construção de uma cartilha informativa para os pescadores artesanais, um retorno que gostaríamos de fazer, já que não foi possível promover a visita dos pescadores ao *Campus Acaraú* como estava planejado. Desse modo, “Reflexão e prática, ação e pensamento, polos antes contrapostos, agora seriam acolhidos em uma

modalidade de pesquisa que considera a intervenção social na prática como seu princípio e seu fim último” (MIRANDA; RESENDE, 2006, p. 511).

A segunda roda de conversa, ocorrida uma semana após a primeira, teve dois novos participantes que não puderam comparecer ao primeiro encontro. A presença destes foi importante para a discussão acerca do conteúdo do documentário e fornecer contribuições técnicas às atividades dos pescadores artesanais demonstradas no vídeo.

Assim, a proposta dessa segunda roda de conversa era obter contribuições mútuas de conhecimentos. Os pescadores artesanais, por meio do documentário, gerariam reflexões sobre suas realidades ao falarem sobre as formas como desenvolvem o seu trabalho; e, por sua vez, como devolutiva, os professores também refletiriam sobre o conteúdo, conheceriam os sujeitos que trabalhavam de forma diferente do que eles ensinavam e poderiam sugerir-lhes normas técnicas exigidas pela legislação brasileira.

Quanto à organização das instruções técnicas para a composição da cartilha informativa ao pescador artesanal, estas foram agrupadas conforme as temáticas sugeridas nas discussões: legislação pesqueira, normas técnicas para o trabalho do pescador e preservação ambiental na perspectiva do desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais.

No que se refere às observações de legislação pesqueira, os professores e técnicos ressaltaram as orientações sobre a regulamentação das atividades na pesca artesanal, credenciais e cursos necessários para o exercício de atividades no mar, além de legislação sobre direitos e deveres do pescador artesanal, a exemplo do direito ao seguro defeso, de associações, de aposentadoria etc.

As observações de normas técnicas para o trabalho do pescador têm por base as orientações para o uso de equipamentos de proteção de segurança no mar, conservação dos barcos, limites em milhas para navegação conforme o tamanho das embarcações, técnica de manejo e conservação do pescado para o cumprimento das normas de segurança alimentar e qualidade de produção.

Quanto à preservação ambiental, buscou-se uma conduta para a utilização de apetrechos de pesca que pudessem mitigar o risco da captura de espécies marinhas em extinção e práticas de trabalho que ponham fim no descarte de resíduos no oceano e praias da região, além de orientações ao associativismo.



Conforme o diálogo foi desenvolvido na segunda roda de conversa, alguns professores, principalmente aqueles que trabalham com atividades de campo, relataram que buscaram uma aproximação com as comunidades de pescadores, para fornecer informações necessárias ao cumprimento de normas e procedimentos técnicos para as suas condições de trabalho, porém, de acordo com os professores, existem barreiras que impedem essas orientações às comunidades acessadas, pois muitos pescadores são relutantes em aceitar as orientações técnicas, vendo-as, algumas vezes, com desconfiança e desprezo.

Após essas rodas de conversas, elaboramos uma cartilha informativa para ser distribuída no Guriú. Assim, por meio de uma investigação que se converteu em ação, em intervenção social, possibilitando ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada (MIRANDA; RESENDE, 2006), buscamos superar a distância entre teoria e prática tão presente na educação, mediante uma “troca” de saberes entre grupos sociais com níveis de instrução diferenciados e vistos de modo hierarquizado pela maior parte da sociedade.

Apesar das limitações e dos enfrentamentos, conseguimos produzir a dissertação intitulada “Pescadores artesanais do distrito de Guriú (Camocim/CE): diálogo de saberes e práticas no Curso Técnico Subsequente em Pesca (IFCE/Acaraú)” (SILVA, 2021) e dois produtos educacionais: um documentário (SILVA; SOUZA, 2021a) e uma cartilha educativa para pescadores artesanais (SILVA; SOUZA, 2021b).

## Considerações finais

O objetivo central deste artigo foi discutir como, em meio ao cenário adverso da pandemia da covid-19, conseguimos desenvolver uma pesquisa-ação cuja finalidade era proporcionar uma aproximação entre os saberes da experiência de uma comunidade de pescadores artesanais do distrito do Guriú, no município de Camocim-CE, e os conhecimentos científicos dos professores e técnicos do *Campus Acaraú*, do IFCE, onde é ofertado o Curso Técnico Subsequente em Pesca.

O interesse em tal discussão se pauta na nossa compreensão de que conhecer e valorizar os saberes singulares, frutos de conhecimentos práticos do dia a dia, como a pesca artesanal, faz parte do próprio processo científico de conhecer como se conhece, ou o conhecimento do conhecimento. Para Morin (2011), seria aquilo que falta à ciência, a completude da inteligência

humana que se tornaria sábia ao dialogar com diversos saberes; conhecimentos que ligados são cruciais à constituição do desenvolvimento da sociedade humana.

Entender a formação dos saberes da tradição requer uma sensibilidade para aquilo que não se vê. Por isso, a promoção de um estudo que pretenda mostrar à sociedade capitalista um diálogo mais próximo com os saberes tradicionais, deve entender primeiramente que o homem produz e reproduz seu conhecimento, na prática do trabalho diário, sendo um ser social e sociável, e que vive em constante conflito com sua natureza histórica e influências sociais externas. Ademais, defendemos uma educação profissional que não se restrinja às demandas do mercado de trabalho, mas que forme um profissional reflexivo, capaz de compreender a sociedade em que está inserido e respeite as outras formas de conhecimento.

Compreendemos, pelo presente estudo, que, apesar de o Curso Técnico Subsequente em Pesca do IFCE, *campus* Acaraú, seja uma grande oportunidade para os discentes provenientes de comunidades de pescadores e de outras populações de baixo poder aquisitivo, ainda assim, existem inúmeras barreiras que dificultam o acesso, a permanência e o êxito desses jovens que veem na profissão do Técnico em Pesca uma oportunidade de mudança de vida.

A exemplo das dificuldades apresentadas pelo IFCE, *campus* Acaraú, para a oferta de um ensino técnico acessível e democrático, estão a carência de conhecimentos propedêuticos trazidos por alunos que acessam a modalidade do curso técnico subsequente; a falta de metodologias adequadas para o ensino-aprendizagem de um público de trabalhadores; e ainda a grande distância de algumas comunidades ao *Campus*, que, em tese, deve proporcionar formação e desenvolvimento local.

No tocante ao desenvolvimento da pesquisa, a covid-19, mesmo que tenha se configurado como um entrave à pesquisa aplicada – uma exigência nos mestrados e doutorados profissionais pois “devem estar voltadas para o exercício da prática profissional, portanto, preferencialmente, para o cotidiano da escola básica” (VERCELLI, 2008, p. 233) – propiciou uma ciência aberta ao inesperado e com criatividade. Acreditamos que, apesar das limitações impostas, conseguimos superar parte das dificuldades trazidas pela pandemia e operacionalizar, na medida do possível, o que foi planejado.

## Referências

- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- ALMEIDA, M. C.; PEREIRA, W. F. **Lagoa do Piató**: fragmentos de uma história. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2006.
- ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo. Editora Livraria da Física. 2010.
- COSTA, J. Mulheres e economia solidária: hora de discutir a relação! **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 19-27, jan./jun. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/sec.v14i1.15649>
- DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Trabalho como princípio educativo. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 748-754.
- GATTI, B. A. Duas décadas do século XXI: e a formação de professores? **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 7, p. 1-15, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/camocim/historico> Acesso em: 6 jun. 2022.
- MALDANER, J. J. A formação docente para a Educação Profissional e Tecnológica: breve caracterização do debate. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 2, n. 13, p. 182-195, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15628/rbept.2017.5811>.
- MARTINS, J. C. M. *et al.* Formação de docentes para a educação profissional: problemas e desafios. **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, v. 3, n. 2 - Especial, p. 94-108, jan./jun.2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v3i2.137>
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 33, p. 511-518, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GzC3q5fmQw95SSRYdjTnfh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2022.
- MORAES, M. C.; VALENTE, J. A. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. **O método II**: a vida da vida. Porto Alegre. Sulina, 2011.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORIN, E.; CIURANA, E-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

SOUZA, F. C. S.; SILVA, V. S. Conhecimentos tradicionais *versus* conhecimentos científicos? Em defesa de uma educação que religue os saberes. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, nº Especial, p. 8-28, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36524/profept.v5iEspecial.1104>

SILVA, V. S.; SOUZA, F. C. S. **O trabalho na Pesca Artesanal no Distrito de Guriú (Camocim/CE)**. Documentário. Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Educapes, jul. 2021a. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600760>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SILVA, V. S.; SOUZA, F. C. S. Cartilha educativa para pescadores artesanais: produto educacional elaborado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Brasil). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. 1-11, dez. 2021b. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.22991>

SILVA, V. S. **Pescadores artesanais do distrito de Guriú (Camocim/CE): diálogo de saberes e práticas no Curso Técnico Subsequente em Pesca (IFCE/Acaraú)**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021.

SILVEIRA, J. A.; SANTIAGO, S. B.; RODRIGUES, B. S. F. Formação continuada de professores para Educação Profissional e Tecnológica. **Holos**, Natal, v. 3, p. 1-16, 2020. DOI: [10.15628/holos.2020.8642](https://doi.org/10.15628/holos.2020.8642).

SZYMANSKI, H. **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

VERCELLI, L. C. A. A pesquisa aplicada com intervenção em um programa de mestrado profissional em educação: implicações na profissionalidade docente. **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, v. 4, n. 2, p. 5-18, jul./dez.2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v4i2.325>